



***OS SENTIDOS DAS JUVENTUDES E MASCULINIDADES NEGRAS NA
CONTEMPORANEIDADE: ANÁLISES INTERSECCIONAIS***

***LOS SIGNIFICADOS DE LA JUVENTUD NEGRA Y LAS
MASCULINIDADES EN EL TIEMPO CONTEMPORÁNEO: ANÁLISIS
INTERSECCIONAL***

***THE MEANINGS OF BLACK YOUTH AND MASCULINITIES IN
CONTEMPORARY TIME: INTERSECTIONAL ANALYSIS***

Revista *Luis Paulo Cruz Borges*¹
Diversidade
e Educação

RESUMO

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa já concluída (2019-2023) e tem como objetivo geral problematizar os sentidos das juventudes na contemporaneidade, em sua relação interseccional, a partir das dimensões de gênero, sexualidade, raça/cor e território, com foco nas masculinidades. Opera-se com as vozes de jovens negros, estudantes do 1º ano do Ensino Médio, de duas escolas públicas no estado do Rio de Janeiro. Pauta-se, metodologicamente em uma abordagem socioantropológica da educação, utilizando-se dos inventários do saber como forma de apreensão da realidade social. A interseccionalidade é a chave-analítica de compreensão indicando os sentidos de escola e conhecimento que não de existir. À guisa de conclusão, afirma-se que a perspectiva interseccional avança no debate sobre as desigualdades educacionais e raciais, sinalizando possibilidades de uma educação emancipatória e antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Vozes. Interseccionalidade. Masculinidades.

RESUMEN

El presente trabajo forma parte de una investigación ya concluida (2019-2023) y tiene como objetivo general problematizar los significados de la juventud contemporánea en su relación interseccional con las dimensiones de género, sexualidad, raza/color y territorio con un enfoque en las masculinidades. Opera con las voces de jóvenes negros, estudiantes de 1º año de secundaria, de dos escuelas públicas del estado de Río de Janeiro. Se fundamenta metodológicamente en un enfoque socioantropológico de la educación utilizando los inventarios de conocimientos como forma de comprender la realidad social,

¹ Doutor em Educação. Professor Adjunto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, BR. Procientista pelo Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística (PROCIÊNCIA/UERJ-FAPERJ). ORCID: 0000-0002-2153-5229. E-mail: borgesluispaulo@yahoo.com.br

operando sobre todo desde la vocalización de los actores sociales investigados. La interseccionalidad es la clave analítica para comprender, indicando, a partir de las voces de los jóvenes, los significados de la escuela y los saberes que existirán. A modo de conclusión, se afirma que la perspectiva interseccional avanza el debate sobre las desigualdades educativas y raciales, indicando posibilidades para una educación emancipadora y antirracista.

PALABRAS-CLAVE: Juventud. Voces. Interseccionalidad. Masculinidades.

ABSTRACT

The present work is part of an already completed research (2019-2023) and its general objective is to problematize the meanings of contemporary youth in their intersectional relationship with the dimensions of gender, sexuality, race/color and territory with a focus on masculinities. It operates with the voices of young black people, 1st year high school students, from two public schools in the state of Rio de Janeiro. It is methodologically based on a socio-anthropological approach to education using knowledge inventories as a way of understanding social reality, above all, operating from the vocalization of the social actors investigated. Intersectionality is the analytical key to understanding, indicating, based on the voices of young people, the meanings of school and knowledge that will exist. By way of conclusion, it is stated that the intersectional perspective advances the debate on educational and racial inequalities, indicating possibilities for an emancipatory and anti-racist education.

KEYWORDS: Youths. Voices. Intersectionality. Masculinities.

* * *

*“Certamente o futuro que aguarda aqueles que sobrevivem será, para os jovens negros, a revolta diante da falta de oportunidades de uma sociedade racista
[(...) Lélia Gonzalez, 2020, p. 47].*

Introdução

O presente artigo é fruto de uma pesquisa já concluída com financiamento Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) no período de 2019-2023, ou seja, antes, durante e depois da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, responsável pela doença COVID-19. A pesquisa tinha como um dos objetivos principais investigar os sentidos acerca do futuro, a partir das vozes de jovens estudantes do 1º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro. Para este artigo, buscou-se problematizar os sentidos das juventudes na contemporaneidade em sua relação interseccional com as dimensões de gênero, sexualidade, raça/cor e território, com foco nas masculinidades negras.

Compreende-se a paisagem como um espaço-tempo social permeado de estruturas de poder que são deslocalizadas (Arjun Appadurai, 2003). O cultural ganha destaque e nos possibilita uma chave analítica para pensarmos o jovem e a juventude nas paisagens

do tempo presente. Então, opera-se com a ideia de condição juvenil, “por considerá-la mais adequada aos objetivos desta discussão” (Juarez Dayrell, 2010, p.67). Entende-se que as juventudes, em sua pluralidade, detêm agência política capaz de orientar-se diante do cultural (Appadurai, 2003).

Sob essa perspectiva, a pesquisa indagou como os jovens-estudantes do Ensino Médio de duas unidades da rede estadual de Educação do Rio de Janeiro se relacionam com a escola pública, a partir da ideia de futuro. Assim, outras questões, também, orientaram o delineamento da investigação, sinalizando uma reflexão para o entendimento das identidades juvenis e para as compreensões do mundo juvenil. Destacam-se, então, as respostas dos jovens, meninos e negros, para as reflexões aqui propostas. Importante destacar que as duas escolas estão localizadas na Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, ou seja, em uma região marcada por profundas desigualdades e, ao mesmo tempo, pela potência de resistência, criatividade, trabalho e produção cultural. São muitos e diversos os marcadores que se cruzam gerando a necessidade de leituras interseccionais para a realidade investigada.

No Brasil dos anos de 1980, a autora Lélia Gonzalez (1984), em seus escritos, já produzia análises interseccionais, precedendo o conceito de Kimberlé Crenshaw (2002), conhecido atualmente. Gonzalez (1984) apontava em suas reflexões que preciso ir além do dado visto, ou seja, era necessário um mergulho profundo que permitisse emergir a complexidade das análises sociais pensando gênero, raça/cor e classe.

Dessa forma, parte-se de uma compreensão interseccional para pensar os processos educativos de meninos, jovens, negros e da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro. Portanto, busca-se situar o conhecimento em uma encruzilhada (Carla Akotirene, 2018) possibilitando analisar as questões socioeducacionais e raciais no processo de construção de políticas públicas que combatam as desigualdades e o racismo presentes em nossa sociedade.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação de dois ou mais eixos da subordinação sobre determinados sujeitos sociais. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas a crianças, adolescentes, jovens, mulheres, raça, classe, etnia, entre outras na sociedade atual. Este termo também trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 176).

Defende-se, aqui, que a perspectiva interseccional avança no debate sobre as desigualdades educacionais e raciais indicando que gênero, sexualidade, raça/cor, classe e território são necessários no processo de compreensão de uma educação que enfrente verdadeiramente suas mazelas (William Melo, 2022).

O fracasso escolar de meninos negros - em sua articulação entre gênero e raça/cor - foi pauta dos estudos de Marília Pinto de Carvalho (2001; 2003; 2004) que sinalizava as estatísticas do sistema educacional brasileiro no começo dos anos 2000. A autora, dessa forma, faz um destaque à masculinidade dos estudantes como um entrave aos processos educacionais, evidenciando que existia uma baixa expectativa sobre meninos negros na construção do sucesso/fracasso escolar (Carvalho, 2004). O estudo de Melo (2022), em interface com Marília Pinto de Carvalho (2001; 2003; 2004), aponta que os mais vulneráveis nessa balança da desigualdade são os “jovens negros do gênero masculino” (Melo, 2022, p. 142).

Diante dessas considerações, este artigo se compromete a procurar refletir com base nos seguintes questionamentos: O que os jovens investigados, pensam sobre a contemporaneidade? Quais os sentidos de futuro que suas experiências significam sobre a educação? Quais sentidos de masculinidades estão presentes na construção de uma educação que reafirme a ideia de justiça social que vocaliza seus sujeitos?

A partir de tais perguntas, colocamos este estudo na esteira dos diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades reafirmando vozes múltiplas, polissêmicas, dissonantes e contraditórias dos seus próprios sujeitos (Henrique Restier; Rolf Malungo de Souza, 2019).

A seguir apresenta-se os procedimentos metodológicos da pesquisa, em seus caminhos sinuosos, como forma de angariar os dados para as construções analíticas e teorizações *a partir/do/com* o campo.

Procedimentos metodológicos: os caminhos sinuosos da pesquisa

Cultivando a consciência e da descolonização do pensamento, conseguimos as ferramentas para romper com o modelo dominador da sociabilidade humana e o desejo de imaginar... (bell hooks, 2021, p. 80).

A pesquisa em Ciências Humanas e Sociais traz dentre seus desafios o de: compreender a complexa relação entre pesquisados/as e pesquisadores/as em um dado contexto social. Desse modo, partimos das vozes dos participantes da pesquisa que são

evocadas, mas não em um sentido de ilustração, ou seja, de mera corroboração para algo já existente. Antes de tudo, parte-se de tais vozes para se construir uma teorização *com/para/sobre* os jovens que estão presentes na escola (Carmen Mattos; Walcéa Alves, 2015), uma teorização de como os jovens estudantes se relacionam com o conhecimento escolar. Contudo, indica-se que não há uma fixação do que venha a ser juventude, mas, sobretudo, há uma análise que parte do recorte de um tipo de juventude presente na escola pública, em especial nas escolas investigadas.

Para a pesquisa foram realizados inventários de saber com jovens estudantes de duas escolas públicas da Rede Estadual do Rio de Janeiro em regime de colaboração. Os inventários de saber, são uma técnica de coleta/produção de dados proposta pelo sociólogo Bernard Charlot (1999) que consiste em uma produção de texto perguntando sobre suas aprendizagens e também sobre suas expectativas, acrescentamos a ideia de futuro. “Desde que nasci, aprendi muitas coisas, em casa, na rua, na escola e em outros lugares...O quê? Com quem? O que é importante para mim nisso tudo? E agora, o que eu espero do futuro?”. Neste sentido,

[...] Os inventários de saberes não nos indicam o que o estudante aprendeu (objetivamente), mas o que ele nos diz ter aprendido quando nós lhe colocamos a questão, nas condições nas quais a colocamos. De uma parte, isso significa que nós não aprendemos o que ele aprendeu (o que seria impossível), mas o que, para ele, apresenta suficientemente importância, sentido, valor, para que ele o evoque em seu inventário (Charlot, 1999, p. 8).

Dessa forma, um inventário foi acompanhado de um questionário com perguntas relativas ao sexo, idade, raça/cor, tipo de instituição escolar em que estudam, ano de escolaridade e religião. Alguns foram preenchidos totalmente, outros não.

A empiria, a análise indutiva de conteúdo das vozes dos sujeitos na pesquisa e a dimensão imaginativa, já definida como a disputa de sentidos no âmbito da cultura (Luís Paulo Borges, 2018), foram componentes do processo de análise dos dados da investigação. Neste sentido, trabalhamos com o software *Atlatis.ti* que, segundo Graziela Bragança (2008), é um instrumento que possibilita uma categorização eletrônica com baixo custo. Esta é uma ferramenta de análise indutiva de dados, organizando-os de forma sistemática e operacional.

O software foi usado aqui em duas dimensões: a) no processo de revisão de literatura, descrito na introdução, tentando possibilitar um panorama da produção sobre o objeto de estudo em tela e, também, no sentido de compreender o lugar do ineditismo da tese; b) no processo de análise dos relatórios de campo e produção dos sujeitos da pesquisa. Em ambos os sistemas, o software é uma forma que nos possibilita ampliar o

olhar para o que foi produzido no campo e uma forma de auxílio no processo de (re)imaginação do que foi visto, observado, enfim, significado.

A finalidade do *Atlas.ti* consiste em, dentre outras possibilidades, auxiliar investigadores a descobrir e analisar sistematicamente os termos complexos em dados de texto e multimídias. Fornecer as ferramentas para encontrar, codificar e anotar resultados do material de pesquisa em uma fase preliminar às análises dos dados para pesar e avaliar sua importância, para visualizar relações complexas entre elas.

Sugere-se uma análise dialógica que borra as fronteiras entre o *bottom-up* e o *top-down*, indo de um ao outro em constante vaivém. Define-se como um processo de análise dialógica aquele em que as interações ocorrem entre o texto, as vozes da pesquisa, as reflexões teóricas advindas da literatura revisada, entre outros, incluindo argumentos consonantes e dissonantes.

Pode-se pensar que o processo de análise de dados de uma pesquisa, especialmente na pesquisa antropológica na escola, envolve, por vezes, um longo e cuidadoso trabalho. Sugere-se que a análise dos dados seja realizada durante toda a investigação, de modo que seja pensada e repensada no próprio ato de pesquisar. Dessa maneira, desenvolve-se a ideia de uma pesquisa em que ocorra numa relação de “cima para baixo” e “de baixo para cima”, concomitantemente, numa perspectiva do processo dialógico em sua dimensão temporal e simbólica em movimento.

De acordo com Paula Castro (2011), posteriormente às análises feitas pelo software, será necessário retomar o material analisado pelo computador para a escrita do texto da pesquisa, ou seja, será preciso que o olhar do pesquisador reveja a literatura analisada de forma que o próprio releia os dados do campo, também dando sentido a eles. A ferramenta tecnológica não exclui a estratégia analítica nas quais outras formas de manifestação dos dados possam contribuir para os resultados da pesquisa. Após a categorização dos dados pelo software *Atlas.ti*, os dados são novamente revisitados para uma leitura e contextualização das categorias de forma manual. Assim, na medida em que há uma evolução da leitura do material, também há uma contextualização dos agrupamentos de palavras complementando os dados organizados pelo software e tematizando os resultados da análise em categorias.

A conceituação do conteúdo foi elaborada em um conjunto de “técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas

mensagens” (Laurence Bardin, 2009, p. 46). De forma, i) preparar as informações; ii) unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; iii) categorização ou classificação das unidades em categorias; iv) descrição; v) interpretação.

Também operamos com as dimensões éticas presentes nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, baseados nas orientações do Conselho Nacional de Saúde expressos na resolução n. 510 de 2016 (Brasil, 2016). Os nomes dos estudantes são codificados e, também, preservamos as instituições sem nomeação, ou seja, com sigilo.

Na próxima seção será abordada a vocalização dos jovens estudantes negros em seus múltiplos sentidos de ser e pertencer colocando relevo à dimensão da masculinidade (Benedito Medrado; Jorge Lyra, 2018). Assim sendo, serão elencadas sete (07) narrativas, a partir dos inventários do saber, que nos permitem criar teorizações acerca das juventudes na contemporaneidade de forma interseccional colocando em destaque, de igual forma, os sentidos de masculinidades.

Vozes dos jovens negros: as masculinidades, as juventudes e a escola

Revista
Diversidade
e Educação

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui*

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí*

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes (oh)
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência (oh)
É roubar o pouco de bom que eu vivi*

Por fim, permita que eu fale, não (não) as minhas cicatrizes (oh)...
(Composição: Felipe Vassão / DJ Duh / Emicida / Belchior).

A vocalização dos jovens, meninos e negros, neste artigo articula marcadores que se interseccionam gerando leituras adensadas que nos permitem colocar sob rasura (Stuart Hall, 1997) a ideia de masculinidade e consequentemente sua regulação sobre os corpos juvenis (Medrado; Lyra, 2018).

As vozes representam uma dimensão pungente nos dias de hoje, já que a vocalização se torna uma potência às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, especialmente no campo educacional. São narrativas que traduzem intencionalidades

teórico-metodológicas presentes como recorte das realidades que atravessam as experiências em sua dimensão com o conhecimento (hooks, 2013; Borges, Castro, 2023).

É diante da centralidade da cultura que se pretende situar as análises sobre as juventudes, aqui propostas, entendendo que as dimensões culturais na contemporaneidade disputam sentidos do que é ser jovem hoje, ou seja, no tempo presente (Hall, 1997). A vocalização dos estudantes refere-se aos seus valores, opiniões, crenças, perspectivas e origens culturais, individualmente e em grupos, dentro de um contexto social e temporal (hooks, 2013). A argumentação proposta de cada sujeito é levada em consideração como mote analítico, nos interessa a significação.

No que diz respeito à escolha das instituições, consideramos a escola pública como locus privilegiado de investigação por se tratar de uma enorme abrangência da clientela atendida, ou seja, uma multiplicidade das juventudes presentes na sociedade de forma geral que cotidianamente vivem diante das desigualdades sociais. A Baixada Fluminense foi escolhida pela parceria estabelecida desde 2014 com a ideia de colaboração na pesquisa (Borges, 2018).

Os jovens, à época do preenchimento dos inventários do saber, apresentavam, em sua maioria, a idade de 15 anos com 55 respostas. Logo em seguida 16 anos com 27 indicações, 17 anos com 17 respostas e 18 anos com duas (02). Apenas uma (01) pessoa disse ter 14 anos e 16 estudantes não responderam, totalizando 118 questionários.

Na questão raça/cor obtivemos, também, 118 respostas. Nesse universo a maioria se identifica como negros, 48 identificações, já os pardos foram 26 autoidentificações. 26 estudantes se autodeclararam brancos. Em seguida moreno com 08. Destacam-se as escolhas bombom (01), café com leite (01), mestiço (02) e amarelo (03). As identificações de raça/cor foram livres, ou seja, cada estudante indicava sua escolha. Podemos inferir que boa parte dos estudantes são negros pensando as categorias negros, pardos e morenos, total de 82 estudantes. Destaca-se que no Brasil pardos e pretos são pessoas negras de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O terceiro aspecto observado é a questão religiosa. A maioria dos 118 estudantes escolheram evangélica/protestante (32), depois cristã (30), que tem em seu universo o catolicismo. Contudo, destacam-se também as 25 respostas informando que não têm religião. As religiões de matriz africana ficaram com quatro (04) respostas. Adventistas foram três (03). Cinco (05) indicaram serem ateus. Dois (02) agnósticos, um (01) Testemunha de Jeová e um (01) budista. Também um (01) jovem respondeu fé, apenas.

Situado os aspectos gerais de caracterização dos participantes da pesquisa entendemos que é preciso um olhar qualitativo para maior aprofundamento das nossas análises. Elencamos sete (07) narrativas de jovens negros que nos ajudam a compreender tais processos de pensar/problematizar os sentidos das juventudes contemporâneas. Dessa forma, só indicaremos as siglas do nome, a idade à época da pesquisa e a religião, já sabendo que todos são negros e da Baixada Fluminense.

A primeira narrativa apresentada de C.G.P.S com 17 anos e evangélico apresenta uma dimensão social pautando os moradores de rua, o racismo e o preconceito. O respeito, como valor moral familiar, também ganha destaque. O jovem indica, também, uma questão geracional, ‘os mais velhos’. Importante destacar que tais abordagens se coadunam com valores humanos, “indicando aspectos da experiência individual que podemos não perceber” (Patrícia Hill Collins; Sirma Bilge, 2021, p. 29). Por fim, ele indica o seu futuro como advogado, ou designer gráfico, com uma profissão.

Tenho aprendido muitas coisas na rua, eu aprendi que muitas pessoas ignoram os moradores de rua, que diariamente estão ali pedindo esmola. Eu também observei o racismo e o preconceito que estão presentes em locais. Em minha casa me ensinaram a ter respeito pelos mais velhos, a não xingar ou brigar na escola e respeitar o máximo próximo, tenho aprendido isso com meus responsáveis. Na escola tenho aprendido algumas matérias que irão me ajudar a ser um melhor profissional no futuro. Espero do futuro ser alguém formado em direito ou designer gráfico (C.G.P.S. 17 anos, evangélico e negro).

A segunda narrativa, de P.H.C.O. com 17 anos e umbandista, indica um olhar humanista sobre os processos de aprender em casa, na rua e na escola. Também há destaque para a política na voz do jovem. Percebe-se que o futuro aparece como possibilidade de ser ‘bem-sucedido’, de sucesso, mas, também, como uma questão coletiva, ‘cheio de amigos em volta’. Interessante que o estudante declara sua relação com as religiões de matriz africana, umbanda, sendo um grupo perseguido, sobretudo no Estado do Rio de Janeiro (Geiziane Costa; Leonardo Barros, 2022).

Tenho aprendido na rua como ser mais cuidadoso com as palavras e a forma de agir, em casa aprendo a ser carinhoso com meus familiares e companheiro do dia a dia. Na escola aprendo matérias novas todos os dias. O mais importante disso tudo é que eu tenho me tornado uma pessoa muito melhor e mais mente aberta, mudei minha forma de pensar sobre pessoas, política etc. Eu espero ser uma pessoa bem-sucedida e feliz com minha vida, cheio de amigos em volta (P.H.C.O. 17 anos, umbandista e negro).

S.R. com 16 anos é destaque da terceira narrativa que vem pautar o mérito, ‘se eu me esforçar eu consigo fazer’, diante das questões sociais. Contudo, o jovem indica que não é preciso ‘pisar em ninguém’, ou seja, não humilhar as pessoas. Sinaliza que seu futuro deve ser pautado por dimensões como ‘respeito, amor e humildade’, ou seja, inda um destaque para os valores morais. Aqui, S.R. nos possibilita pensar com Hill Collins e Bilge (2021), ao propor compreensões sobre o tema da justiça social a partir de uma consciência reflexiva de mundo.

Aprendi com meu irmão que devemos correr atrás do que queremos, pois se eu me esforçar consigo fazer ou ser quem eu quiser, aprendi também a nunca ficar acomodado pois se estivermos parados não chegaremos a lugar nenhum, aprendi a nunca pisar em ninguém, pois a vida é uma montanha russa, um dia estamos em cima e um dia poderemos estar em baixo. E todo esse aprendizado foi necessário para eu ser quem eu sou hoje. Sinto que minha vida está em um aprendizado constante. Espero que no futuro eu tenha conhecimento o suficiente para poder passar adiante a outras pessoas que o melhor jeito de viver é com respeito, amor e humildade (S.R.16 anos, protestante e negro).

A quarta narrativa feita por J. L. N. com 15 anos e evangélico traz uma relação entre cultura e sociedade. O jovem coloca em realce nas diferenças, culturais e religiosas. Ênfase para a religião e o futebol como espaços-tempos de socialização, a primeira como lugar do respeito e o segundo como disciplina. O respeito aparece novamente como valor importante em mais uma narrativa. Quais sentidos da produção curricular podemos aprender diante dessa reflexão?

Na rua tenho aprendido a conviver com outras pessoas, culturas diferentes, religiões diferentes. Com quem? A sociedade. Em casa tenho aprendido a respeitar as pessoas, “ser eu mesmo”, andar no caminho “certo”. Minha mãe me dá bastante conselho sobre tudo: Amor, religião, sexo, mulheres, escola etc... Na escola tem muitas coisas como: conhecimento, ler, escrever, conviver também, cantar, aprender, respeitar o próximo. Os professores são os melhores, cada um vai ficar guardado no meu coração... Outros lugares: Igreja, futebol. Na igreja aprendo a religião, mas ultimamente não tenho ido muito, a “seguir o caminho de Deus”. Já no futebol volta a disciplina, respeito, admiração pelos professores, a religião também. Bom é isso (J.L.N. 15 anos, evangélico e negro).

A.J.S.C. apresenta a quinta narrativa, com 18 anos e candomblecista, o estudante fala de questões sociais; governadores, sociedade e candidatos. Também vocaliza sentidos sobre a violência contra mulheres e pessoas LGBTQIA+. Sinaliza que aprende com ‘todos e tudo’ trazendo à tona uma questão humanitária em seu discurso. Aqui há destaque para o segundo participante que se autodeclara de religião de matriz africana.

Chama atenção que o jovem tem 18 anos no 1º ano do Ensino Médio, indicando que possivelmente tenha sido reprovado em algum momento da sua trajetória escolar.

Espero governadores que pensem mais nos outros e pessoas que escolham com certeza seus candidatos. Espero ver pessoas mais atuantes na sociedade, defendendo e lutando pelo que acredita sem precisar impor aos outros. Um futuro onde as pessoas possam ser quem elas são. Onde não haja mais assassinatos, principalmente com mulheres, LGBT's, abusos sexuais e principalmente uma educação e uma ideologia que não nos faça sentir medo. Aprendo com todos e tudo que vejo. Aprendo a respeitar mais, a ouvir os outros, a argumentar. Isso é importante pois não me faz ser tão ignorante ao ponto de achar que só o que acredito está certo (A.J.S.C. 18 anos, candomblecista e negro).

A sexta narrativa é de S.E.S.P. com 15 anos e indicou não ter religião. O jovem afirma que 'os negros na rua sempre levam dura', fala da violência policial presente diante da sua realidade. Há também uma comparação entre negros e brancos, sinalizando, sobremaneira, uma diferença racial. Ele destaca que a escola é um lugar importante para o desenvolvimento do 'senso crítico' e faz a indicação de que os políticos não estejam envolvidos com mais corrupção no Brasil.

O que eu aprendo na rua é que nós negros sempre levamos dura e quase nunca o branco. Na escola eu aprendo a desenvolver o meu senso crítico para ser um bom cidadão e debater assuntos, pois hoje a informação é essencial, ter a mente aberta para novas opiniões e em casa aprendo com meus pais que o estudo é tudo. Por isso a escola é a coisa mais importante em tudo isso. Espero para o futuro uma estruturação melhor no colégio, na saúde, entre outros. Não ter mais corrupção, no qual os políticos pensem mais em nós do que neles (S.E.S.P. 15 anos, não tem religião e negro).

Por fim, a sétima narrativa, G.O.T com 16 anos e ateu, revela que a escola, ainda, é um lugar de aprendizagem. Sendo um 'guia para sair da alienação'. O que se entende por alienação? Aqui o esporte, o basquete, aparece mais uma vez, em sua dimensão disciplinadora. Ele também afirma que espera 'coisas simples' para o futuro, por exemplo, 'boa saúde e ser feliz no emprego'.

Ao meu ver, eu aprendo bastante coisa na rua porque eu acredito que o melhor jeito de se adquirir conhecimento é conversando com pessoas nas ruas, através dessas conversas eu conheci muita gente diferente, músicas diferentes, estilos diferentes. A escola é um local onde eu aprendo muito, foi onde eu aprendi a hora de ouvir, a hora de questionar. Eu vejo a escola como uma espécie de guia que te ajuda a sair do caminho da alienação. Outro local onde eu aprendo muito é no meu treino de basquete, lá eu aprendo a ter disciplina e ter uma boa saúde. Eu aprendi com tudo isso que o único meio de se escapar da alienação e burrice é através do conhecimento. Eu espero coisas simples para o

futuro, eu desejo só ter uma boa saúde e ser feliz no emprego que eu tiver (G. O.T. 16 anos, ateu e negro).

As vozes, aqui presentes, evidenciam que a “masculinidade, como as demais identidades socioculturais, é construída para uma sociedade, como elemento de poder, de ação, de atitude” (Tom Farias, 2022, p.09). Dessa forma, as masculinidades negras tornam-se um objeto de estudo necessário que vem ganhando forma (Vander Camilo, Paulo Silva Jr., 2022).

Os jovens negros, no presente estudo, indicam que a masculinidade é uma “construção social que se dá por meio de diversos rituais e da cultura de um determinado momento histórico” (Silva Jr., 2016, p. 260), ou seja, na contramão do hegemônico, evidencia-se uma perspectiva que humaniza, valoriza e, sobretudo, respeita os corpos negros. Rasura-se a imagem de ameaça e medo em que são alvo constantemente os corpos juvenis, como já sinalizado e entendido por S.E.S.P. com 15 anos. Tais reflexões nos levam ao entendimento que há um projeto desenhado para exterminar a população negra brasileira (Abdias Nascimento, 2016), especialmente a juventude negra (Leonardo Queiroz, 2015).

Diante do racismo da sociedade destacam-se os dados sobre a letalidade juvenil no Brasil, ora baseados na pobreza, ora nas questões raciais. O futuro torna-se, então, uma efemeridade diante da violência que atinge boa parte dos jovens, que também são estudantes, no país, de forma geral, e no estado do Rio de Janeiro, em particular.

Destaca-se que os estudos sobre a letalidade juvenil no Brasil que se basearam em dados do Ministério da Saúde, ao codificarem os óbitos dos jovens nas suas pesquisas, utilizaram “a causa básica, entendida como o tipo de fato, de violência ou de acidente causador da lesão que levou à morte”. Em linha gerais, registram-se três grandes causas: 1) acidentes de transportes, 2) homicídios e 3) óbito por arma de fogo. Embora as duas últimas causas se sobreponham, ou seja, ambas levam ao óbito, a distinção entre elas se fez necessária. Ao distingui-las, o órgão da saúde que as registra deu destaque à presença da arma de fogo na sociedade e sua disseminação entre os grupos vulneráveis (Gonçalves, 2012, p. 56).

A vulnerabilidade, destaca o autor, está relacionada ao gênero, meninos, e também à cor/raça, pretos e pardos. O poder de dizer quem vive e quem morre... É um poder de determinação sobre a vida e a morte política dos sujeitos. Podemos pensar no campo sociológico e antropológico que há uma racionalidade na aparente irracionalidade desse extermínio que atua nas relações colocadas com os jovens e a escola. Ou seja, o processo

de exploração, e do ciclo em que se estabelecem as relações neoliberais, opera pelo extermínio dos grupos que não têm lugar algum no sistema, uma política que parte da exclusão para o extermínio (Achille Mbembe, 2011; Nascimento, 2016).

O desejo de um futuro com mais oportunidades e sem desigualdades sociais e raciais, sobretudo pensando o genocídio dos negros e meninos, talvez seja um indicativo das fronteiras que a escola precisará ultrapassar para se pensar como instituição sob rasura. A escola moderna está imersa numa arena em disputas de poder, saber e viver que estão relacionadas com as mudanças e transformações do mundo contemporâneo. O debate, fraturado e não superado, resiste nas vozes discentes. Quais juventudes estão presentes em sala de aula? Quais currículos/didáticas estamos produzindo? Que sentido de escola estamos disputando?

Ao fim e ao cabo, o presente artigo torna-se relevante por relacionar os sentidos produzidos pelos jovens negros da escola com o conhecimento escolar numa perspectiva de vida, esporte, estudo e trabalho, centralizando o debate interseccional. Tais questões nos fazem pensar no lugar de pertencimento que se vive no dia a dia da escola e da resiliência que os jovens negros criam, produzindo sentidos de políticas para a educação pública hoje.

Considerações Finais

A imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam. Em situações traumáticas, é a imaginação que pode garantir a sobrevivência. Frequentemente, crianças sobrevivem abusos imaginando um mundo em que encontrarão segurança (hooks, 2020, p. 105).

A imaginação, tal qual nos ensina bell hooks (2020), pode ser entendida como uma forma de resistência, ou mesmo insurgência diante das desigualdades e injustiças sociais que afetam o mundo. Nesse sentido, (re)imaginar torna-se uma política criadora de subjetividades e sentidos *no/para* o mundo. (Re)imaginar o que foi dito, vivido e pesquisado.

(Re)imaginamos uma pesquisa, então, que teve como um dos seus objetivos principais investigar os sentidos do futuro a partir das vozes de jovens estudantes do 1º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro. Como recorte, para este artigo, problematizou-se os sentidos das juventudes em sua relação

interseccional com as dimensões de gênero, sexualidade, raça/cor e território dando relevo às masculinidades negras.

Os jovens, estudantes, meninos, negros e da Baixada Fluminense vocalizaram sentidos de uma juventude *do/no* tempo presente. Diante de uma crise global pautada em questões sanitárias, climáticas e políticas suas vozes criam uma possibilidade de alargamento das bordas do que venha ser o moderno e a própria modernidade (Appadurai, 2003) nos fazendo rasurar e analisar, também, a instituição escola.

A vocalização dos sujeitos nos ajuda na compreensão analítica para o enfrentamento das questões sociais a partir de uma premissa interseccional. Reafirmamos que é preciso escutar as vozes, harmônicas e dissonantes, nos processos de produção de conhecimento e na gestão de políticas públicas. Assim, reafirma-se a ideia de que:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Hill Collins; Bilge, 2021, p. 16).

Os sentidos de masculinidades negras, em sua dimensão plural, polissêmica e divergente (Restier; Souza, 2019) nos faz humanizar corpos, sobretudo, corpos que ao longo dos séculos foram violados e violentados por sucessivas políticas de extermínio (Achille Mbembe, 2011; Nascimento, 2016). As reflexões aqui apresentadas estão no bojo de uma produção de conhecimento/luta que articule as dimensões epistêmicas, éticas, estéticas, sociais, educativas e culturais a partir das experiências de subjetivação das juventudes gerando teorizações/políticas que possam mitigar as desigualdades socioeducacionais e o racismo presente na sociedade brasileira. Também é uma homenagem para todos os jovens negros que tiveram suas vidas ceifadas, sobretudo, pela necropolítica vigente no sistema capitalista.

Referências

AKOTIRENE, C. *O que é Interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

- APPADURAI, A. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, (1996) ed. 2003.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011
- BORGES, L.P.C. *O futuro da escola: uma etnografia sobre a relação dos jovens com o conhecimento escolar*. 2018. 151 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BORGES, L. P. C.; CASTRO, P. A. (Re)imaginando a escola: a circularidade de sentidos a partir das vozes discentes. *Revista Communitas*, v. 7, p. 321-334, 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio de 2016.
- CAMILO, V; SILVA JR., P.M. (Orgs.) *Masculinidades negras: novos debates ganhando formas*. São Paulo: Ciclo Continuo Editorial, 1ª ed. p.336, 2022.
- CARVALHO, M. P. de. Mau aluno e boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Estudos Feministas*, ano 9.554, 2º semestre, 2001.
- CARVALHO, M. P. de. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p185-193, jan/jun, 2003.
- CARVALHO, M. P. de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. *Cadernos Pagu* (22), p.247-290, 2004.
- CASTRO, P. A de. Tornar-se aluno: identidade e pertencimento – um estudo etnográfico. 2011. 157f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011, p. 158.
- CHARLOT, Bernard. *Rapport au savoir en milieu populaire*. Une recherche dans les lycées professionnels de banlieue. Paris: Anthropos, 1999. 390p.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*, Santa Catarina, v. 10, n. 1, p. 171-188, 1. sem. 2002.
- COSTA, G. A. S.; BARROS, L. P. Neopentecostalismo e o plano de poder: o racismo religioso na sociedade brasileira. In: Kátia Lima; Lúcia Soares; Lucília Carvalho da Silva. (Org.). *Neoconservadorismo, ataque aos direitos humanos e religiosidades: posicionamentos urgentes ao Serviço Social*. 1ed.Uberlândia: Navegando, p. 29-46, 2022.
- DAYRELL, J. A juventude no contexto do ensino da sociologia: questões e desafios. IN: *Sociologia: ensino médio (Coleção Explorando o Ensino)*. 1ed. Brasília: MEC Secretaria de Educação Básica, 2010, v. 15, p. 65-85.

FARIAS, T. Masculinidades negras: um assunto da ordem do nosso dia. IN: CAMILO, V; SILVA JR., P. M. (Orgs.) *Masculinidades negras: novos debates ganhando formas*. São Paulo: Ciclo Continuo Editorial, p.09-12, 2022.

QUEIROZ, L. O genocídio da juventude negra no brasil. *Portal Geledés*, São Paulo: 11/05/2015. Disponível: <https://www.geledes.org.br/o-genocidio-da-juventude-negra-no-brasil/> Acessado: 20 de maio de 2024.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje* ANPOCS, [s.l.], p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, L. A juventude negra na sociedade brasileira: uma abordagem. IN: RIOS, F.; LIMA, M. (ORGS). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1ed. Ed. Zahar, p. 45-48, 2020.

GONÇALVES PEREIRA, J. Mobilização Nacional Pró-Saúde Saúde da População Negra: impactos e desdobramentos na agenda do ano internacional dos povos afrodescendentes e da juventude. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as) - ABPN*, v. 04, p. 80-96, 2012.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HILL COLLINS, P.; BILGE, S. *Interseccionalidade*. Tradução: Rane Souza. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

HOOKS, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, b. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, b. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. Tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

MATTOS, C. L. G. ALVES, W. B. Outros saberes sobre a escola: a voz do aluno na pesquisa em educação. In: Maria do Socorro Lucena Lima; Maria Marina Dias Cavalcante; José Albio Moreira de Sales; Isabel Maria Sabino de Farias. (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. 1ed.Fortaleza: EdUECE, 2015, v. 1, p. 03435-03446.

MEDRADO; B. LYRA, J. Em tempos de masculinidades coloniais em relevo, um intento de prefácio. IN: CAETANO, M.; SILVA JR., P.M. (Orgs.) *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. 1ed. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 07-09, 2018.

MELO, W. Masculinidades negras e educação: entre passados e futuros. IN: CAMILO, V; SILVA JR., P. M. (Orgs.) *Masculinidades negras: novos debates ganhando formas*. São Paulo: Ciclo Continuo Editorial, p. 135-148, 2022.

NASCIMENTO, A. *Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

RESTIER, H.; SOUZA, R.M. (Orgs). *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo: Ciclo Continuo Editorial, p. 239, 2019.

SILVA JÚNIOR, P.M. Entre jogos e brincadeiras se produzem os homens do amanhã: reflexões sobre o processo de construção das masculinidades na Educação Infantil. *Momento - Diálogos em Educação*. 25, 1 p. 257–272, 2016.

Recebido em maio de 2024.
Aprovado em agosto de 2024.

Revista
Diversidade
e Educação